

PRÊAMBULO

Em 1894 João Baptista da Costa (1865-1926) recebeu o Prêmio de Viagem de Estudos à Europa e pintou, durante a sua estadia fora do Brasil, uma vista dos rochedos em Capri, Itália. Trata-se de uma paisagem pitoresca, herdada da escola naturalista europeia, sem se comprometer com as livres investidas pictóricas dos impressionistas. Naquela época, a pintura de paisagem funcionava como campo de experimentação pós-fotográfica para novas formas de visualidade artística. *Rochedo iluminado* conduz a um breve preâmbulo da mostra País Paisagem. É o nosso ponto de partida histórico e acadêmico para percorrer as dinâmicas do gênero paisagístico na segunda metade do século XX e no início do século XXI.



2

acervo exposto

mapa de territórios

1 Sara Ramo
Cenas da peça vivo andante
Fotografia, 2004

2 João Baptista
Rochedo iluminado
Óleo sobre tela, s.d.

3 Roberto De Lamônica
O Jardim | Gravura em metal
sobre papel, 1955

4 Maria Leontina
Pintura | Óleo sobre tela, 1965

5 Arcangelo Ianneli
Sem título | Óleo sobre tela, 1967

6 Marcio Sampaio
Jeux sur l'herbe (Jogos na relva,
da série Galeria Antropofágica)
Acrilica sobre tela, ca. 1978

7 Alberto da Veiga Guignard
Noite de São João
Óleo sobre tela, 1961

8 Di Cavalcanti
Tempos modernos
Óleo sobre tela, 1961

9 Decio Novello
Pintura 3 | Tinta autômata
sobre madeira, 1969

10 Lotus Lobo
Sem título | Litografia sobre vinil, 1969

11 Luciano Lorenzato
Sem título
Cimento e tinta guache, s.d.

12 João Calixto
EMURB - Zona azul

13 Óleo sobre tela, 1975
Paisagem com começo de viaduto
Óleo sobre tela, 1976

14 Carlos Muniz
Pista V: serra
Acrilica sobre madeira, 1980

15 Não identificado
Sem título | Borracha pintada, 1995

16 Pedro Pinkalsky
Ventania | Pedra sabão, s.d.

17 Ione Saldanha
Bambus
Bambus policromados, 1977

18 Conceição Santeira
Cabeça de JK | Madeira, s.d.

19 Cildo Meireles
Brasilta | Pastel sobre papel, 1978

20 Roberto Burle Marx
Desenho I
Desenho III
Nanquim sobre papel, 1972

21 Paisagismo
Nanquim sobre papel, 1973

22 Mary Vieira
Brasilien baut
Sem título
Impressão offset sobre papel, 1954

23 Lameira de caminho
Borracha pintada, 1996

24 Frederico Moraes
Memória da paisagem (da série A nova
crítica) | Diapositivos em cores, 1970

25 Manfredozouzanetto
Olhe bem as montanhas
O lugar da ausência
(da série Réquiem para a Serra do
Curral) | Cartão postal, ca. 1981

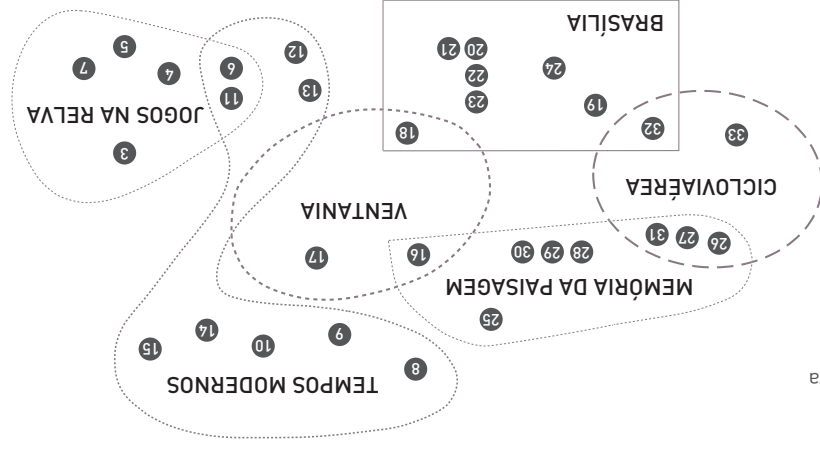
26 Roberto Bethônico
Sem título (da série Postumos)

27 Cao Guimarães
Fotografia, 2006

28 O sonho da casa própria
Vídeo, 2008

29 André Burian
Sem título
Acrilica sobre tela, 2000

30 Jarbas Lopes
Cicloviária
Vime e bicicleta, 2003



MUSEU DE ARTE DA PAMPULHA

As obras apresentadas nessa exposição fazem parte do acervo do Museu de Arte da Pampulha. O MAP situa-se em Belo Horizonte num edifício projetado por Oscar Niemeyer na década de 1940 para ser o Cassino da Pampulha. Com a proibição do jogo no Brasil em 1946, o belo exemplar da arquitetura moderna volta à cena 11 anos depois, como museu de arte. O MAP é responsável por uma coleção iniciada quando da sua fundação e que hoje conta com mais de 1.300 obras.

O projeto **Museu Andante** busca levar, periodicamente, partes selecionadas do acervo para fora do espaço do museu, tornando acessível e aberta à visitação uma coleção que abarca várias décadas da produção artística brasileira. O Museu Andante carrega consigo a proposta de um ponto de vista curatorial, que seleciona dentro da coleção o grupo de obras a ser exposto e o seu percurso, bem como a criação transposta de uma nova porta de entrada para o museu, multiplicando o seu espaço-tempo.

De 19 de maio a 07 de agosto de 2011

Terça a sábado, das 10h às 22h e aos domingos, das 12h às 20h
Entrada franca com visitas orientadas.

Agendamento escolar na Ação Educativa: [31] 3829 9654 | acaoeducativa@usiminas.com

Centro Cultural Usiminas | Galeria Hideo Kobayashi

Av. Pedro Linhares Gomes, 3900 – Shopping do Vale do Aço | Ipatinga MG

www.institutoculturalusiminas.com

PAÍS PAISAGEM

Natureza e paisagem não são a mesma coisa. A transformação da natureza em paisagem é uma operação feita pela cultura. A paisagem é fruto de um olhar refém de um longo aprendizado; não uma mera exterioridade, mas produto de uma seletiva interioridade. A arte constitui o mediador cultural no processo de metamorfose da natureza em imagem ou *do país em paisagem*, devolvendo ao mundo uma *visão/versão*/ invenção da realidade. Dessa maneira, podemos perceber que toda paisagem trata da expressão de um desejo ou de um projeto de realidade.

Quando a interpretação utilitária ou econômica do país cede lugar à sua abordagem sensível e à atenção aos seus desdobramentos políticos, sociais e estéticos, os filtros da arte atuam na transposição do país rumo à constituição das suas paisagens e dos seus valores imateriais. Nessa operação, a paisagem pode resultar tão inesperada e desmesurada quanto aquelas das *terrae incognitae* retratadas pelos exploradores do século XVIII em visita ao Novo Mundo.

Ao buscarmos discursos visuais acerca do imaginário paisagístico brasileiro nas obras integrantes do acervo do MAP, podemos vislumbrar as divagações históricas do olhar e do pensamento ao longo da formação do acervo e a convivência em diálogo, na construção desse imaginário, entre cultura erudita, através de importantes artistas, e cultura popular, com a presença de autores muitas vezes anônimos, paralelos à história oficial e ao sistema da arte.

A exposição propõe uma expedição compacta pelo Brasil através de seis territórios sugeridos por seis títulos de obras dentre as que estão expostas. São eles: Jogos na Relva; Tempos Modernos; Ventania; Brasília; Memória da Paisagem; e Cicloviária. Os territórios foram formados a partir da estratégia curatorial de apropriação dos títulos para transformá-los em conceitos operativos capazes de aglutinar em torno deles as outras obras expostas. Desenhou-se, assim, um mapa sugerido de percurso, uma espécie de manual de navegação para essa expedição.

Renata Marquez, curadora

Patrocínio



Realização



Apoio



TERRITÓRIO 1: JOGOS NA RELVA

Márcio Sampaio, Arcângelo Ianelli, Roberto De Lamonica, Maria Leontina, Alberto da Veiga Guignard.

A paisagem se “a” ainda sobre o terreno natural, mas com ele interage sem passividade. A relva o tabuleiro montado de relaões ou a plataforma aberta de ocupação que permite o “ogo entre o real e os seus signi”cados. povoamento do espaço natural e a interfer ncia cultural ue nele se v a uilo ue rede”ne o g nero da paisagem, momentos antes do fascínio pelas cidades modernas.



6

TERRITÓRIO 2: TEMPOS MODERNOS

Di Cavalcanti, Luciano Lorenzato, Décio Noviello, Lotus Lobo, João Calixto, Carlos Muniz, autor não identificado.

s tempos modernos importados dos países do norte trazem a mecanização, a sociedade do consumo, a produção em s rie e a e”peri ncia do anonimato na multidão. Esse o espaço vivido para aç-es visuais de captura, reedição, apropriação e resist ncia. As linhas retas da cidade e o domínio crescente da circulação de veículos em velocidade sugerem uma percepção est tica e geram paisagens vetores da mobilidade.



8

TERRITÓRIO 3: VENTANIA

Pedro Pinkalsky, Ione Saldanha, Conceição Santeira.

As corporeidades dos ventos fortes e contínuos podem se manifestar de várias maneiras. As impressões artísticas operam “sicamente na natureza e sobrep-em, num mesmo corpo síntese, natureza e cultura: se”a na mobilidade imaginada dos bambus, se”a na perman ncia muda das pedras ou ainda no comportamento resistente da madeira. esta ltima, nota se de maneira particular a ventania geográ”ca das ideias visionárias ue inundaram o s bito concreto armado de rasília cinquenta anos em cinco , como uis .



16

TERRITÓRIO 4: BRASÍLIA

Cildo Meireles, Mary Vieira, Roberto Burle-Marx, Jonas.

o p ster de Mar Vieira 192 2001 , *brasilien baut* uer dizer o rasil constr i – e”ibe os seus pro”etos de ar uitetura moderna em 1954, em uri ue, tr s anos antes do início da construção do plano piloto de rasília. A utopia da paisagem cartão postal tem sua má”ima con”guração com rasília, meta síntese do Plano de metas de . plane”amento urbano moderno desenha e organiza cada centímetro da capital ideal, ue ho”e contrasta com a cidade vivida para al m do plano piloto, nas cidades sat lites ue abrigam dois milhes de pessoas.



19

TERRITÓRIO 5: MEMÓRIA DA PAISAGEM

Frederico Morais, Manfredo Souzanetto, Roberto Bethônico.

monumento, a uilo ue construído para permanecer na paisagem, para constituir idealmente uma paisagem coletiva e para funcionar como refer ncia visual ligada a feitos e desfeitos políticos, posicionado lado a lado com aus ncias e sil ncios. São insigni”c ncias aparentes ou delicadas construç-es temporárias ue ressurgem como fragmentos urbanos valiosos.



25

TERRITÓRIO 6: CICLOVIAÉREA

Jarbas Lopes, André Burian, Cao Guimarães.

om a prática das derivas urbanas, esse territ rio o lugar da prospecção, de pensar e agenciar propostas de outros modelos de cidade, modelos ue abandonam o paradigma moderno da tecnoci ncia em larga escala e abraçam outras formas de vida urbana por meio do ue o artista arbas Lopes chamou de tecnologia do corpo .



33